

JUBILEU DE ESPERANÇA

Dom Silvio Gutiérrez Dutra*

*Dom Silvio Guterres Dutra. Bispo Diocesano de Vacaria/RS. Mestre em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma (2001).

 sguterresdutra@yahoo.com

 0000-0002-9909-2704

Recebido em: 15 de janeiro de 2025.

Aprovado em: 03 de março de 2025.

Vivemos um tempo marcado por incertezas, crises globais e profundas mudanças sociais que desafiam a fé e a convivência humana. É nesse cenário que a mensagem da esperança, proposta pelo Papa Francisco para o Jubileu de 2025, adquire um significado ainda mais urgente e necessário. Mais do que um tema

espiritual, a esperança se apresenta como horizonte para o mundo e como tarefa para a Igreja, chamada a ser sinal de comunhão, diálogo e compromisso com a vida.

Nesta entrevista, somos convidados a refletir sobre o sentido de sermos “peregrinos de esperança”, a relação entre jubileu e sinodalidade, os desafios de uma Igreja pós-pandemia e o papel da teologia diante desse tempo especial de graça. As questões percorrem desde a realidade concreta de nossas comunidades até as grandes perspectivas eclesiais e sociais do pontificado de Francisco e do início do pontificado de Leão XIV.

O leitor encontrará aqui não respostas, mas também provocações que alimentam a fé, fortalecem a esperança e impulsionam a missão. Trata-se de um convite para olhar o presente com realismo e, ao mesmo tempo, com confiança no futuro que Deus nos abre, na certeza de que **a esperança não decepciona** (Rm 5,5).

A *Revista Teopraxis*, ao longo de sua trajetória, ocupou-se em fazer ecoar a reflexão teológica a partir da realidade, visto compreender que boas teorias são gestadas no seio da vida eclesial. É nessa perspectiva que o tema do jubileu não poderia ficar sem um aprofundamento. É um prazer para nós podermos estabelecer essa interlocução mais direta a partir de um Pastor membro de nossa Instituição: Dom Silvio Gutiérrez Dutra da Diocese de Vacaria/RS.

1. Por que o Papa Francisco escolheu o tema da esperança e afirma que todos somos “peregrinos de esperança”?

O Papa Francisco, desde sua eleição ao pontificado, em março de 2013, vinha assinalando sua atenção e preocupação para com fenômenos da nossa época. Fenômenos que desafiam a fé cristã em diversos aspectos. Logo no início do pontificado ele disse que vivemos uma espécie de

terceira guerra mundial fragmentada, haja vista o grande número de conflitos espalhados pelo mundo (entre nações e internamente a essas), nem todos com a mesma cobertura midiática, porém reais e graves. Na sua primeira exortação apostólica, a *Evangelii Gaudium*, ele fala da crise do compromisso comunitário. Logo em seguida, na encíclica *Laudati Si'*, ele propõe o enfrentamento da crise climática, vinculando-a a crise social, e denuncia a idolatria do paradigma tecnocrático. Francisco abre sua encíclica *Fratelli Tutti* apontando para os sinais concretos das investidas que corroem a fraternidade, ao apresentar as sombras de um mundo fechado. Vale lembrar que teve influência decisiva neste seu documento sobre a fraternidade e a amizade social, a crise sanitária global da pandemia do Coronavírus. E, como se tudo isso não bastasse, irrompem, na Europa e no Oriente Médio, os dois conflitos mais recentes, com a invasão russa na Ucrânia e com o terrorismo, seguido de genocídio, entre o Hamas e Israel. Num contexto de tanta desesperança, o Papa Francisco convida o mundo todo a reanimar a esperança.

2. Relação entre Jubileu e Sinodalidade. Como viver o Jubileu em espírito sinodal? Qual o impulso do Jubileu para uma Igreja sinodal?

No Primeiro Testamento, o jubileu é anunciado como tempo de graça, tempo no qual as coisas deveriam voltar ao seu sentido original, de acordo com o plano de Deus. Dívidas deveriam ser perdoadas, terras deveriam retornar para seus proprietários originais, escravos deveriam ser libertos e a justiça social deveria acontecer. Neste sentido, o resgate da sinodalidade pelo Papa Francisco é uma volta à fonte bíblica e, conseqüentemente, ao plano original de Deus para o seu povo que hoje identificamos como a Igreja. A convocação do Sínodo sobre a sinodalidade soou para a Igreja e para o mundo, como o som de um novo chifre de carneiro (*yobel* - de onde nos vem a palavra jubileu), anunciando um tempo especial para o nosso século. Assim, celebrar o jubileu é aprofundar, no cotidiano, a prática da construção conjunta dos caminhos evangelizadores. É ser sinodal, seguindo em constante discernimento e congregando os mais diversos carismas e as mais distintas responsabilidades, como um modo vinculante de ser Igreja, e não como algo opcional. Como nos lembra o Papa Francisco e muitos outros teólogos, sinodalidade é sinônimo de Igreja.

3. A pandemia paralisou muitas iniciativas da ação evangelizadora da Igreja. Qual a importância deste Jubileu de esperança para reavivar nas pessoas o sentido de ser Igreja?

Entendo perfeitamente a força que o jubileu tem para impulsionar uma retomada de maior vitalidade no interior das nossas comunidades e o quanto ele possa também reanimar o espírito daquelas comunidades que o assumirem com mais intensidade. Doutra parte, entendo que a pandemia acabou por colocar à prova a solidez do que se vinha fazendo em algumas iniciativas pastorais; muitas delas já vinham caminhando com dificuldade, ou dependiam de algumas poucas pessoas que as sustentassem por um grande senso de amor a causa, ou ainda, inconformadas com a ideia de que, talvez, tivessem esgotado suas possibilidades. Portanto, o jubileu, por si só, não pode ter essa responsabilidade de reavivar o sentido de ser Igreja; isso se dará se cada Diocese tiver um projeto evangelizador construído em sinodalidade, capaz de acolher todas as contribuições possíveis que o Jubileu possa trazer. Com isso,

importa mais ver como a Diocese está preparada para acolher o jubileu, do que se perguntar pelo quanto o Jubileu poderá fazer por ela. Em todo o caso, no entanto, é preciso reconhecer que o momento atual da vida da Igreja, é de uma grande dispersão. Vivemos o fenômeno da adesão a certos gurus e movimentos eclesiais que criam uma legião de seguidores próprios, mas que, dificilmente, tornam-se discípulos de Jesus Cristo, e, exatamente por isso, não desenvolvem o senso de pertença à Igreja.

4. A esperança nem sempre foi bem compreendida de forma ativa e criativa nos cristãos. Como a esperança cristã pode tornar os cristãos mais participativos na Igreja em saída como vinha mobilizando o Papa Francisco?

Ao abordar a esperança, no grande capítulo que trata da Vida em Cristo, o Catecismo da Igreja Católica define a esperança como “... a virtude teologal pela qual desejamos como nossa felicidade o Reino dos Céus e a Vida Eterna, colocando nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não em nossas forças próprias, mas no socorro da graça do Espírito Santo” (CIC 1817). Ora, desejar o Reino dos Céus é projetar nossa vida na direção de algo que não vem de fora para dentro, mas sim desejar algo, ou melhor, desejar o encontro com alguém, que já está entre nós, que está dentro de nós, e que quer precisar de nós. A nossa condição cristã, portanto, não é a de espectadores ansiosos por algo que virá a acontecer, antes é a condição de sujeitos corresponsáveis para que, o que se espera, já comece a acontecer aqui e agora. A tão desejada humanização das relações sociais, sinônimo do que entendemos por evangelização, não virá da expectativa, mas da ação transformadora dos que são habitados pelo mesmo Espírito que moveu Jesus. Para que isso aconteça é preciso movimento, é preciso sair. Jesus é o Mestre do movimento de saída. Ele veio até nós para nos levar ao Pai. Ser Igreja é, da mesma forma, percorrer a distância necessária para chegar ao lugar de onde se possa estender a mão na direção de quem está sedento de vida.

5. Qual a missão da teologia perante o jubileu da esperança?

Arriscando ficar bem aquém do que é próprio do campo da teologia, já que não sou teólogo, ousar dizer que poderia ser um papel fundamental da teologia aprofundar a virtude teologal da esperança em sua dupla dimensão de dom e tarefa. A esperança é dom, enquanto virtude infundida por Deus na alma humana, e, portanto, deve ser suplicada na oração, mas também é compromisso humano decorrente do mesmo fato de ser reconhecida como dom. Sentir-se portador de tal virtude, precisa gerar em nós a disposição de agir em toda a circunstância, onde haja desesperança, como testemunhas de que há um outro modo de viver. A graça da esperança, por exemplo, deve nos levar a mostrar aos que, infelizmente, se deixaram contaminar pelo ódio e pelo desejo de vingança, os que promovem as guerras, que há um modo de viver, um outro mundo possível, pautado no diálogo, na fraternidade, no perdão e na paz.

6. Para Paulo Freire, a esperança não é um substantivo, mas um verbo: “esperançar”. Segundo Santo Agostinho, “a esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las”. Como definir a esperança?

No seu livro “Vamos sonhar juntos”, fruto de uma conversa com o jornalista britânico Austen Ivereigh, após referir-se ao momento presente de pandemia, somado a tantas outras crises, e ainda a ideia equivocada da economia que impera em nosso tempo, o Papa Francisco, imbuído de um espírito otimista com os pés no chão, afirma: “é um bom tempo para os inquietos de espírito, essa saudável inquietude que nos faz agir”. Com sua maneira de ler a realidade e de propor uma via de saída das crises, o Papa parece resumir em uma só frase o que, somados, quiseram dizer Paulo Freire e Santo Agostinho. Agora podemos dizer que os três autores, incluindo Francisco, enxergam a esperança como a virtude dos que não têm no horizonte uma vida de sossego, protegido no seu espaço privado, mas sim uma vida de luta, uma vida comprometida com o bem comum, enfim, uma vida com sentido. Esperança, portanto, não é a virtude dos que aguardam que alguém resolva, mas é a virtude dos que, enquanto reivindicam o bem para todos, são colaboradores decididos de sua construção.

7. Olhando para a nossa realidade brasileira, marcada por contrastes sociais e econômicos, onde, no espaço da política, vivemos uma sensação constante de intolerância aos Direitos Humanos, que influi também nas relações humanas, como alimentar a esperança de uma sociedade mais fraterna?

O primeiro desafio, me parece, é compreender o que nos fez chegar a situação atual, que resulta na grave crise da fraternidade. Hoje já identificamos que tal processo passou por uma premeditada desconstrução da verdade como uma referência absoluta e sólida, pelo descrédito da ciência com seus avanços inegáveis sendo negados, pelo abandono radical das áreas do conhecimento humano como a filosofia, a sociologia a antropologia. Só para citar algumas, como se tudo pudesse ser entendido e resolvido a partir de um único paradigma tecnocrático. Não foi, seguramente, um movimento espontâneo, fruto do acaso. Há uma intencionalidade e um projeto de mundo, ancorado na pretensão de poder e domínio globais, que moveu todas essas iniciativas. Em consequência disso, a fraternidade saiu do horizonte e, em seu lugar radicalizou-se o individualismo e a autorreferencialidade. Em âmbito mundial assistimos o desmonte das organizações humanitárias internacionais, que nasceram exatamente para reascender a chama da nossa condição comum de única raça humana. Os necessários e consagrados Direitos Humanos passaram a ser vistos como mera ideologia de esquerda e, portanto, como risco para os projetos dos chamados “homens de bem”, os únicos com direitos reconhecidos. Diante deste quadro complexo e negativo há um consenso de que a solução não será também simples nem rápida, mas complexa e artesanal. Há que se acreditar no pequeno e no simples, como estratégia para recompor o tecido da fraternidade e, consequentemente, o tecido social. Uma inspiração poderá ser o conhecido provérbio africano que sugere que “gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinárias”.

8. O que estamos fazendo, em nossas comunidades e paróquias, para vivenciar o jubileu em comunhão com toda a Igreja?

A possibilidade de resposta a esta importante interrogação, só posso dar a partir do que decidimos em nossa Diocese, de forma consciente e coletiva. Aqui na Diocese de Vacaria

estamos em tempo de implementação das indicações pastorais resultantes do longo processo sinodal diocesano realizado entre os anos de 2020 e 2023. Por força da definição sinodal de quatro prioridades diocesanas, a saber: a formação de lideranças, a evangelização da juventude, a missão em pequenos grupos e a Iniciação à Vida Cristã, entendemos que o jubileu de esperança do ano 2025, deveria ser integrado às atividades próprias destas referidas prioridades. Para além disso, definimos um temário comum, com os temas do jubileu, para todas as novenas e tríduos comunitários e identificamos duas igrejas jubilares junto às comunidades Catedral Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria e Santuário Diocesano de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos de Ibiaçá. Com estas iniciativas entendemos caminhar em sintonia com toda a Igreja.

9. O senhor poderia deixar algumas palavras de incentivo ao povo de Deus das comunidades, especialmente no sentido de alimentarmos sempre mais a esperança a partir de uma Igreja sinodal?

Tendo demorado mais do que seria o ideal para responder estas questões me deu a chance de ler o que escreveu o Papa Leão XIV no seu discurso aos participantes do Dia Internacional de Luta Contra a Droga. Na data de 26 de junho deste ano, quando ele afirma: “O mal vence-se juntos. A alegria encontra-se juntos. A justiça combate-se juntos. O Deus que criou e conhece cada um – e que é mais íntimo a mim do que eu mesmo – fez-nos para estarmos juntos”. Trata-se de um apelo explícito e incisivo do Papa para que nos convertamos à sinodalidade, como único caminho possível. A sinodalidade responde àquilo que somos desde a nossa imersão no Deus Trindade, pelo Batismo, e igualmente revela a convicção de Leão XIV, de que, para este tempo que vivemos de radicalização do espírito individualista e do agravamento da doença chamada autorreferencialidade, como já referido acima, não há salvação sem a opção decidida de caminharmos juntos.

10. Que luzes o Jubileu de Esperança pode dar ao novo pontífice?

Arrisco afirmar que o Jubileu, que pretende reanimar a esperança, ajudará Leão XIV, que, já na escolha do próprio nome para o pontificado, chegou com a sinalização de que pretende apontar para o tesouro da Doutrina Social da Igreja, a apresentá-la, mais uma vez, como contribuição indispensável para a construção de uma nova sociedade, pautada nos princípios inegociáveis da dignidade humana, da destinação universal dos bens da criação e da busca incessante do bem comum.